

Prefácio

Elisete M. Tomazetti

Como citar: TOMAZETTI, Elisete M. Prefácio. *In:* ALELUIA, José Roberto Sanabria de (org.). **Por que não somos filósofos?** Notas genealógicas sobre o ensino da filosofia na Universidade de São Paulo. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2024. p.11-13. DOI: <https://doi.org/10.36311/2024.978-65-5954-546-9.p11-13>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

PREFÁCIO

O convite para prefaciar este livro de José Roberto Sanabria de Aleluia me trouxe alegria, mas também preocupação. Alegria porque os resultados de uma pesquisa séria e exaustiva de doutorado estão sendo publicizados, em forma de livro, à comunidade filosófico-educacional brasileira. É uma obra necessária ao campo do ensino da filosofia no Brasil e contribui muito para o enriquecimento e o acúmulo da produção acadêmica da área. A preocupação, por sua vez, tem a ver com a responsabilidade de apresentá-la em sua riqueza de ideias, de argumentos e de indicações preciosas acerca de parte da formação filosófica brasileira e de seu ensino. Dois sentimentos que me guiaram e que encontraram certa harmonia ao longo de sua escrita.

Acompanhei Sanabria, permitam-me chamá-lo deste modo menos formal, em seu percurso de doutoramento na UNESP de Marília e conheci, então, um pesquisador-filósofo inquieto e rigoroso com seu objeto de investigação. Naquele período estive na companhia de seu orientador, Rodrigo Peloso Gelamo e do Grupo de Estudos e Pesquisas CNPq - ENFILO, cujo tema e habitus de pesquisa vem formando pesquisadores e pesquisadoras muito importantes para o campo do ensino de filosofia no Brasil.

POR QUE NÃO SOMOS FILÓSOFOS? NOTAS GENEALÓGICAS SOBRE O ENSINO DA FILOSOFIA NA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO é o título de seu livro. A pergunta é provocadora e remete a uma outra pergunta que certamente leitores e leitoras, ainda pouco familiarizados com essa história, poderão se fazer: como assim que uma Faculdade de Filosofia, um curso de Filosofia, não forma filósofos? O que formam então? Essa resposta Sanabria nos dará ao longo de sua exposição genealógica. Essas questões não são retóricas, mas acompanham seu autor desde os tempos de sua graduação. Para ele também foi inevitável indagar acerca dos sujeitos que emergiram de tal formação filosófica: “filósofos, comentadores historiadores ou professores de filosofia?”

A herança uspiana na formação filosófica brasileira tem sido objeto de estudo de muitas pesquisas nas últimas décadas. Trata-se de uma universidade, de um curso de Filosofia, que se instituiu como lugar de formação da elite intelectual paulista e que foi se tornando exemplo e referência para demais universidades e cursos de filosofia no Brasil. O próprio Sanabria, em sua dissertação, publicada em livro no ano de 2014, já havia apontado que o resultado da formação uspiana foi “A invenção do filósofo ilustrado”.

O livro que nos é oferecido agora conduzirá seus leitores e suas leitoras pelos meandros das relações de saber e poder, pelas perspectivas filosófico-metodológicas dos professores-filósofos franceses, com destaque para nuances e distinções que produziram uma ordem discursiva que definiu o que foi considerado pesquisa e estudo em Filosofia no Brasil e, fundamentalmente, o que se instaurou como modo legítimo de ensinar e aprender filosofia. Sua tarefa investigativa demandou o contato cuidadoso com os arquivos que produziu ao longo de sua investigação. De modo incisivo Sanabria declara: “revirei documentos, experiências e práticas que foram silenciadas no decorrer da consolidação de um modo do fazer filosófico uspiano”.

Ao revirar tais meandros constituidores da filosofia uspiana nosso autor oferece algo ainda eclipsado nas pesquisas sobre este tema. Ele destaca continuidades e discontinuidades na maneira de conduzir a formação filosófica, nos anos 1936 e 1963 e demarca a distância filosófica entre os professores franceses considerados responsáveis tradição estruturalista na Faculdade de Filosofia, até então colocados sob uma mesma matriz e prática filosófica. Deste modo, a analítica que o autor realiza faz emergir os saberes que foram silenciados, mas que, sob determinadas condições, resistiram e permitiram a existência, desconsiderada, de outros modos de fazer filosofia – outras práticas de ensino da filosofia.

É esta riqueza investigativa e de arquivos, tratados com rigorosidade analítica aos moldes foucaultianos, que faz deste livro uma obra fundamental para quem busca compreender por que o exercício do filosofar, que produz o filósofo e a filósofa, não fez parte, e quiçá ainda não faça, de nossa formação filosófica universitária. Conhecer essa herança, através da pesquisa de Sanabria também nos ajudará a compreender, em grande medida, suas possíveis ressonâncias nas aulas de filosofia de nossa escola básica. Por fim, convido

seus leitores e suas leitoras a percorrem suas páginas para encontrarem a resposta que seu autor dá à pergunta: Por que não somos filósofos? E assim serem instigados a disputar, em seus espaços formativos, a sua formação.

Elisete M. Tomazetti

Universidade Federal de Santa Maria

Abril de 2024